

Português Para Alunos Japoneses: Propostas Didáticas

Íris Daniela Andrade Amaral Rocha

Dissertação de Mestrado em

Ensino de Português como Língua Segunda e Estrangeira

Nota: Íris Rocha, Português para
Alunos Japoneses: Propostas Didáticas,
2013

Março 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português como Língua Segunda e
Estrangeira, realizada sob a orientação científica de Ana Maria Mão de Ferro
Martinho Carver Gale

Português para Alunos Japoneses: Propostas Didáticas

Íris Daniela Andrade Amaral Rocha

Março 2013

Resumo

Deste trabalho de dissertação constará uma breve história da relação entre Portugal e Japão, uma vez que senti a necessidade de contextualizar e utilizar esta relação como uma das justificações para aproximar a cultura Portuguesa e a cultura Japonesa. Através desta aproximação, ser-me-á possível criar uma unidade de um manual que apele ao interesse dos japoneses pela aprendizagem da língua portuguesa. Irei também abordar a situação do Português no Japão uma vez que é necessário conhecer o mercado que irá potenciar o sucesso de um manual deste género.

Irei ainda relatar o processo de criação de uma unidade de um manual dedicado ao público japonês em contexto de imersão, recorrendo à minha própria experiência de aprendizagem de língua japonesa. Pretendo criar pontes de ligação entre tanto o funcionamento da língua como da cultura, uma vez que existem, de facto, situações semelhantes entre a Língua Portuguesa e Língua Japonesa, ainda que abordadas de forma distinta. Com essas semelhanças, irei criar uma unidade que irá potencialmente contribuir para aumentar o interesse e curiosidade dos Japoneses pela língua de Camões e a influência da Língua Portuguesa na Ásia.

Palavras-chave: Relações Portugal-Japão – Português Língua Estrangeira
- aquisição – manuais

Abstract

This dissertation project will have a brief history regarding the relationship about Portugal and Japan, as I felt the need to contextualize and to justify my desire to bring these two countries together once again. With this I will hopefully be able to create a chapter of a workbook that will try to make Japanese students interested in the Portuguese Language. I will also write about the situation of the Portuguese Language in Japan, as there is the need to know the market to where the workbook will potentially be sent to.

I will as well describe the building process of the workbook chapter which is dedicated to a Japanese audience who's living or studying in Portugal, taking in consideration some of the knowledge I've gained while being a Japanese Language student. My goal with this dissertation is to create bridges that help students to have a better acquisition of the Portuguese Languages based on the similar factors that may be found in both languages and cultures. With the help of these similarities I'm willing to create a chapter that aims to increase the interest on the Portuguese Language and the influence of the language in Asia.

Keywords: Portugal-Japan Relation – Portuguese as a Foreign Language
– Acquisition – Workbook

Índice

1. INTRODUÇÃO	1
2. PORTUGAL E JAPÃO – UMA RELAÇÃO DE SÉCULOS.....	3
2.1 A PRESENÇA DOS JESUÍTAS NO JAPÃO	5
2.2 TROCAS ENTRE PORTUGAL E JAPÃO	10
2.3 ARTE NANBAN.....	11
3. A LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO	13
3.1 POLÍTICA DE ENSINO DE PORTUGUÊS L1 NAS ESCOLAS.....	16
3.2 MÉTODO DE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LE	17
4. PROCESSO DE CRIAÇÃO DA UNIDADE	21
4.1 METODOLOGIAS DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS .	25
4.2 A UNIDADE.....	29
5. CONCLUSÃO.....	35
6. BIBLIOGRAFIA	37
ANEXOS.....	41

1. Introdução

A cultura portuguesa e a japonesa estiveram, desde cedo, interligadas. Ao sermos o primeiro povo europeu a colocar os pés no arquipélago, temos um lugar privilegiado na história tanto ocidental como oriental. Graças às trocas a nível comercial, artístico e cultural, esta experiência conseguiu criar uma ponte entre, neste caso, dois mundos que se afastaram por motivos políticos e económicos e que se vêm, aos poucos, a reencontrar no século XX, após percorrerem caminhos completamente distintos.

Neste trabalho pretendo dar uma visão histórica e cultural sobre a história entre Portugal e o Japão: quem foram os primeiros navegadores a chegar, o que fizeram, o que disseram sobre o arquipélago. Terei então de falar acerca dos jesuítas que tiveram um papel muito importante para a comunicação entre as duas culturas. Pode dizer-se que foram até essenciais para todo o processo de amizade Portugal-Japão, uma vez que souberam aprender a cultura japonesa e compreendê-la e também se preocuparam, seja por motivos puramente intelectuais, religiosos e de transmissão de culturas, seja por motivos económicos, partilhar e ensinar a cultura e língua portuguesa aos japoneses que a quisessem aprender. Há ainda muitos testemunhos da presença portuguesa no Japão, quer escritos por padres jesuítas ou monges budistas ou xintoístas, quer objectos de arte como contadores, arcas, oratórios, entre outros, que foram feitos por artistas japoneses. Os jesuítas conseguiram também converter alguns japoneses à religião cristã, sendo que ainda existem algumas comunidades cristãs no Japão como em Nagasaki e Tanageshima.

Em seguida, darei uma breve explicação acerca da progressão do ensino da Língua Portuguesa no Japão e como foi evoluindo ao longo dos anos. De facto, apesar das vicissitudes que levaram ao afastamento dos dois países, houve outro país que ajudou a divulgar e a preencher o cantinho da Língua Portuguesa no Japão. O Brasil começou a ter um papel importante no Japão quando houve uma vaga de emigração japonesa para esse país sul-americano. Por motivos sociais e económicos, os japoneses viram-se obrigados a emigrar para o Brasil e, mais tarde, os descendentes dos que foram para o Brasil voltaram para o Japão já

com a Língua e cultura portuguesas na “bagagem”. Foram posteriormente criados departamentos de estudo de língua e cultura portuguesa e brasileira nas Universidades, dado o aumento do interesse por essas culturas no Japão.

Por fim, no último capítulo, irei desenvolver o objectivo principal do trabalho, que espero que tenha continuidade ao longo do meu percurso profissional, e que passa pela criação de um manual de ensino de língua portuguesa exclusivo para estudantes japoneses. Julgo que é um tema importante para ser abordado, não apenas por ser relacionado com a cultura japonesa mas também por achar necessário e prático existir um manual que seja dedicado a cada nacionalidade e que pretenda ultrapassar as dificuldades que cada falante não-nativo tenha por interferência da sua língua materna. O que ambiciono é que se encontrem formas de voltar a suscitar interesse pela língua portuguesa para todos os que já pensaram em aprendê-la e não o fizeram por julgarem ser uma língua muito difícil. É necessário inovar o ensino da língua e os professores são os que têm o papel mais importante na definição de metodologias para o ensino de português.

1. Portugal e Japão – uma relação de séculos

A relação entre Portugal e o Japão tem longos séculos. Apesar de este país ter sido mencionado por Marco Polo, e chamado de Terra Dourada de Zipangu, os portugueses afirmam que nenhum povo ocidental tinha tido contacto com o arquipélago de Japão antes da sua chegada:

“Fernão Mendes Pinto claimed to have been one of the first Europeans to reach Japan; Jorge Álvares arrived in Japan in 1546; Francisco Xavier in 1549, as the first Christian missionary. In their writings, not one of them mentions the Zipangu of Marco Polo, and we may say, therefore, that the Portuguese came to Japan without any direct knowledge of Zipangu.” (Matsuda 1965, 1).

Este contacto luso-japonês iniciou-se em 1542 ou 1543, com a chegada de três portugueses à ilha de Tanageshima. Julga-se que estava entre eles Fernão Mendes Pinto, o autor da “Peregrinação”. (“Põe-se ainda hoje a questão de saber quem foram esses primeiros portugueses: se Fernão Mendes Pinto (autor de Peregrinação) fazia parte deles” (Anónimo, Chegada dos Portugueses ao Japão - Infopédia s.d.)). No entanto, não há certezas de quem foi o português que estabeleceu o primeiro contacto com a ilha ao sul do Japão. Inicialmente, houve momentos interessantes saídos deste primeiro contacto. Podemos perceber isso ao ver os biombos feitos durante esse período – e expostos no Museu Nacional de Arte Antiga – em que os portugueses apareciam representados com longos narizes. Também as regras de etiqueta utilizadas à mesa eram bastante díspares em cada uma das culturas:

“They understand to a certain degree the distinction between Superior and Inferior, but I do not know whether they have a proper system of ceremonial etiquette. They eat with their fingers instead of with chopsticks such as we use.” (Boxer 1951)

As diferenças entre sociedades, que cedo causaram curiosidade, começam a tornar-se parte de quem as experiencia. Inicialmente, quem mais frequentava Tanageshima eram comerciantes, vindos da China e de Malaca. Os navegadores portugueses souberam aproveitar o corte de relações entre a China e o Japão para serem os agentes das trocas comerciais entre eles.

“Aproveitando-se do corte oficial de relações entre a China e o Japão, que teve lugar em 1549, os portugueses rapidamente se tornaram em intermediários essenciais nas ligações mercantis entre estas duas potências, auferindo lucros fabulosos do intercâmbio entre a prata japonesa, muito cobiçada na China, e a seda e o ouro chineses, altamente cotados no Japão.” (Loureiro 1990).

Foi através destes mesmos comerciantes que a Companhia de Jesus tomou interesse no arquipélago nipónico: “Um destes comerciantes, o capitão Jorge Álvares, voltando de uma viagem feita ao Japão, encontra com o jesuíta Francisco Xavier em Malaca, deixando aos seus cuidados uma descrição da terra do Japão e um japonês refugiado que trouxera consigo, de nome Angiro (BOXER, 1974: 36).” (Oliveira 2010)

Assim, os portugueses iniciaram as trocas comerciais entre Portugal, Japão e China, tendo como primeiro porto Macau e depois um lugar cedido por um dos senhores feudais japoneses onde pudessem desembarcar e negociar.

1.1 A Presença dos Jesuítas no Japão

A Companhia de Jesus foi uma instituição que esteve muito presente em terras japonesas e que nunca poderemos esquecer num trabalho sobre os portugueses no Japão. Foi graças aos jesuítas que muita cultura foi transmitida entre os dois países tão longínquos.

A Companhia de Jesus é uma organização religiosa católica, fundada em 1540 por Inácio de Loyola e posteriormente aprovada pelo Papa João III, após agitação da organização das ordens religiosas no Concílio de Trento. O objectivo desta nova congregação era resolver os problemas existentes relativos à fé cristã, de uma forma actualizada e concordante com os movimentos de expansão da época. Ao terem o reconhecimento do Papa, conseguiram disseminar-se por vários reinos europeus, entre eles Portugal, que recebeu os jesuítas na corte de D. João II em 1540.

Os padres da Companhia de Jesus davam ênfase à aquisição de conhecimento constante e à divulgação do seu saber ao maior número de pessoas possível, tendo como lema “defender e proteger a fé” através do progresso espiritual dos fiéis. Por esse mesmo motivo foram tão eficazes e cruciais durante a época dos Descobrimentos e conseguiram, assim, aliar a sua missão aos tempos que corriam na altura. Os padres tinham formação, além da meramente teológica, em ciências, matemática, antropologia, de acordo com os novos conhecimentos que iam sendo desenvolvidos durante este período. Ao terem este tipo de formação, conseguiam analisar melhor a situação dos alunos e concretizar de uma maneira mais completa as metas que queriam atingir nos locais onde ensinavam. No entanto, “A Companhia de Jesus não foi fundada como uma ordem educativa. Essa noção que subsiste até aos nossos dias só ganhou corpo ao cabo de algumas décadas no seu crescimento enquanto ordem religiosa inteiramente submetida aos desígnios papais e da Igreja.” (Oliveira 2010). Ou seja, não foi fundada com o objectivo de ensinar e divulgar os ensinamentos. Foi fundada para quebrar as organizações estruturais do clero tradicional.

No entanto, onde ganhou mais visibilidade foi no ensino. De facto, graças à Companhia de Jesus ainda hoje temos a presença da língua portuguesa em países dos vários pontos do globo: desde o Brasil a Moçambique e chegando mesmo até Timor.

Inácio de Loyola e os que com ele fundaram a ordem jesuíta tinham formação universitária em Humanidades e exigiam, a quem quisesse ingressar na ordem, o mesmo tipo de formação, o que facilitava a organização, uma vez que só teriam de se ocupar da formação religiosa do futuro padre. Em 1539 decidiram aceitar jovens que estivessem a concluir os estudos externamente e completavam o seu percurso espiritual com a Companhia de Jesus. O âmbito dos ensinamentos jesuítas foi-se alargando e logo se tornaram em internatos, aceitando alunos externos e internos – os internos estariam já ingressados na ordem religiosa. Mais tarde, os métodos de ensino da Companhia de Jesus foram “exportados” para os sítios mais variados, onde chegavam após serem desvendados.

Houve então a necessidade de uniformizar o sistema de ensino e os métodos utilizados, para que houvesse uma aquisição mais eficaz dos ensinamentos jesuítas. Criou-se por isso um programa intitulado *Ratio Studiorum*, que foi aprovado e completamente finalizado em 1599. Este programa dava importância à evolução progressiva do aluno e no primeiro momento de aprendizagem eram leccionadas disciplinas-base como gramática latina, história, retórica, literaturas e outras disciplinas relacionadas com as Humanidades. Todo o programa era planificado tendo em vista do objectivo final: a formação de pregadores que iriam espalhar a fé cristã por povos que ainda não a conheciam. As disciplinas continham tanto a componente teórica como a componente prática que incluía representações teatrais.

Apesar de toda esta importante formação, cada local exigia um esforço diferente aos padres, dependendo do tipo de sociedade que albergavam. No caso das sociedades da Ásia Oriental, os jesuítas tinham a necessidade de obter mais conhecimentos científicos, para serem discutidos e abordados nas aulas nesses países, uma vez que as sociedades chinesa e japonesa eram bastante mais desenvolvidas do que o esperado. Começou assim a particularidade da missão jesuíta no Japão.

Um dos destinos onde os padres jesuítas portugueses eram melhor recebidos era o Japão. Os portugueses tiveram a capacidade de se envolver na sociedade nipónica, independentemente das diferenças culturais e partilhar ideias, convicções, entre muitas outras experiências com os dirigentes do Japão. Um desses legados e, sem dúvida, dos mais importantes, foi o cristianismo.

O Japão, na altura, era um país que seguia a religião budista e xintoísta. A segunda era politeísta e ambas tinham outras características que diferem da religião cristã. Um dos mais conhecidos padres da Companhia de Jesus que desembarcou, em 1549, em Kagoshima foi São Francisco Xavier. Tal como muitos outros missionários, Xavier passou grande parte do seu tempo no Japão a estudar e analisar a cultura e sociedade japonesas, com o objectivo de encontrar a melhor forma de ensinar o cristianismo. “Em 1575, o número de cristãos em todo o Japão deveria andar à roda dos 130 mil, depois de 30 anos de trabalho missionário” (Castro 1991).

Outro padre jesuíta de grande importância tanto para o Oriente como para o Ocidente foi o Padre Luís de Fróis. Este chegou ao Japão em 1563 e, dois anos depois, foi chamado para substituir S. Francisco Xavier na sua missão de evangelizar os japoneses. Envolveu-se bastante na cultura japonesa, ao ponto de afirmarem “Nenhum outro autor quinhentista foi tão longe na aceitação de práticas culturais de outros povos quanto este jesuíta nascido em Lisboa.” (J. Silva 2010). Fróis escreveu o tratado das diferenças entre a Europa e o Japão, onde dava mais de 600 exemplos de diferenças culturais mas onde afirmava também que, apesar de serem culturas tão diferentes eram, ainda assim, as duas igualmente civilizadas.

“Capítulo 6

(...)

39. Nós estimamos coisas de leite, queijo e manteiga e tutanos; os japões abominam tudo isto e cheira-lhe[s] muito mal.

(...)

Capítulo 11

(...)

14. As nossas camas estão sempre estendidas nos leitos; as de Japão sempre de dia [estão] enroladas e escondidas onde não se vejam.” (Fróis 2001)

Luís de Fróis é um exemplo da vontade dos jesuítas de conhecerem mais daquela cultura tão avançada que os fascinava e ele via como possível a adaptação às duas culturas sem que estas se anulem completamente. Após cerca de trinta anos em contacto directo com a cultura e sociedade nipónicas, Fróis fez uma aquisição dos seus costumes como nenhum outro português havia tido.

No Japão houve uma recepção calorosa aos jesuítas. De facto, devido à boa impressão causada pelos missionários, era possível a existência de correspondência amigável entre o regente japonês – que era senhor de um *dáimio* (pequenos territórios que tinham conflitos entre si) e a coroa portuguesa, representada por D. Sebastião mas regida por sua mãe enquanto este não tinha maioridade:

“Em carta de 16 de Março de 1558 para o *dáimio* de Bungo (região da ilha de Kyushu), o rei (ou melhor dizendo, D. Catarina, sua avó que reinava como regente enquanto D. Sebastião ainda estava na menoridade) enviava as suas estimas e agradecimentos pelo que soube do bom recebimento dos jesuítas nos domínios do *dáimio* de Bungo. Um pequeno trecho da carta já demonstra a boa vontade da coroa para com o *dáimio* mediante a continuidade do benefício à cristandade:

“Pólo que vos rogo, que assi como atequi folgastes de em tudo ajudar, & favorecer aos ditos padres, que assim mesmo o queirais continuar & prosseguir: porque alem de este ser hum meo pera nosso Senhor vos alumiar com sua graça, e virdes em conhecimento de sua santa fé, com nenhuma cousa me podereis mais obrigar, & em todas as que vos tocarem, & me requererdes com rezão, folgarey sempre de volo mostrar” (CARTAS, 1598: f. 42v.)” (Oliveira 2010).

Os jesuítas, por serem bem vistos pelos *dáimio*, começaram a liderar as trocas comerciais entre portugueses e japoneses. Negociando com um senhor feudal de Nagasaki, conseguiam que este lhes cedesse um porto em Omura, onde os barcos vindos da China e da Índia desembarcavam, dando início ao processo de trocas comerciais. Por passarem por vários países antes da sua chegada ao Japão, os portugueses conseguiam o monopólio das trocas comerciais com o país

do sol nascente. No entanto, talvez por cobiça de outros, o porto prosperaria durante 7 anos e os Portugueses foram expulsos daquele local.

A presença jesuíta no Japão terminaria pelo mesmo motivo que a levou a fixar-se inicialmente no país asiático: o Cristianismo. Os outros povos europeus chegaram entretanto ao arquipélago nipónico, nomeadamente ingleses e holandeses, e começaram a denegrir a imagem dos portugueses junto dos japoneses. Esta e outras razões levaram os governantes no Japão a considerar o cristianismo uma ameaça real para o país. Em 1603, o país fechar-se-ia para o período Edo, em que não havia contacto com o exterior, todo o arquipélago se subsistia a si próprio. Paralelamente a esta acção por parte dos outros povos europeus, também tiveram grande importância os conflitos internos que assolavam o país. Durante esta altura houve um movimento de unificação política do Japão, solidificado e consolidado com a ascensão do shogunato de Tokugawa. Este havia ganho uma batalha contra o seu *damo* rival, Hideyori, que era apoiado pelos cristãos, tendo mesmo sido apoiado por eles durante a batalha de Sekigahara. “Assim, muitos cristãos estavam do lado de Hideyori e combatiam com iconografia cristã, como representações do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora, e expondo cruces.” (Maria João Vasconcelos e Vasconcelos 2009)

Tokugawa chegou mesmo a promulgar um édito anticristão no qual ordenava a expulsão imediata de todos os missionários do arquipélago. Os cristãos foram perseguidos e condenados à morte pelo governo japonês e o Japão só se voltaria novamente para o mundo em 1854, com a chegada ao país do Comodoro Matthew Perry.

Da presença jesuíta restaram algumas palavras, como “missa”, dita exactamente da mesma forma em japonês, e “kirisuto” que é a adaptação japonesa da palavra Cristo.

1.2 Trocas entre Portugal e Japão

Os japoneses também se mostraram muito interessados nas nossas armas de fogo, uma vez que não havia nenhuma no continente asiático. Foi inclusivamente escrito um livro por um sacerdote budista, chamado Dairiuji Bunji, em que incluía relatos sobre a expansão das armas de fogo no Japão.

“O tamanho deste objecto montava a 2-3 shaku. Era oco por dentro, por fora direito e muito pesado, em tudo o mais cavado; tinha em baixo um remate maciço, ao lado de um buraco – o caminho do fogo. Não pode este objecto comparar-se a nenhum outro. Pelo que respeita ao manejo dele, põe-se dentro uma coisa extraordinária e depois uma pequena bala de chumbo. Prende-se primeiro um pequeno disco branco na orla de uma rocha. O atirador, com o objecto na mão, coloca-se de pé, fecha um dos olhos, acende pela abertura o fogo e não deixa nunca de dar imediatamente no alvo. Há um clarão como de relâmpago, e sente-se como um trovão, tão assustador que todos ficam ensurdecidos.

Com este objecto até se pode triturar uma parede de ferro, e pode-se matar homens e animais.” (Loureiro 1990)

Durante o tempo de trocas culturais entre Portugal e Japão foram organizadas viagens a Portugal para as comitivas japonesas, que também incluía crianças, e que foram relatadas no “Tratado dos Embaixadores Japões”: “E muito maior a consolação que tiveram com a vista daqueles meninos, por serem novas plantas semeadas e regadas com o suor e trabalho dos padres e irmãos do Japão, trazidos e transplantados agora a Europa, para que crescendo e deitando nela maiores raízes no conhecimento de nossa santa fé e religião cristã, pudessem, tornando em Japão, ser parte para como testemunhas de vista contarem o que tinham visto, e com isso se dilatar mais a lei do Altíssimo.” (Fróis 1994)

1.3 Arte Nanban

Não podemos igualmente falar das relações entre Portugal e Japão sem nos referirmos às formas de expressão artística que foram influenciadas pelo contacto entre estas duas culturas. A esse movimento chamou-se “Arte Nanban”.

O nome “Nanban” significa “bárbaros do sul”. Este foi o nome dado pelos japoneses aos navegadores portugueses que entraram a sul do arquipélago japonês. Mais tarde foi utilizado para denominar todos os estrangeiros que entravam no país.

Do contacto com o Ocidente, o país do sol nascente desenvolveu muitos laços culturais que ainda hoje se podem encontrar no Japão. Por exemplo, na gastronomia, o prato “tempura” deriva de um prato português que foi dado a conhecer aos japoneses – baseia-se em vegetais fritos. Também doces, como o famoso “castela” que é baseado no nosso pão-de-ló, com algumas alterações que foram adicionadas com o tempo.

Uma das peças de intercâmbio cultural mais conhecidas é o biombo. O biombo feito com vista a representar a chegada dos portugueses ao Japão é uma peça bastante delicada, em lacre negro e com tons de dourado. O artista, da escola de Kano Masanobu, retratou os visitantes com formas caricatas, quase parecendo sair de uma comédia. Representados nos biombos estão o clero, comerciantes com tecidos exóticos, o capitão, entre outros pertencentes à comitiva portuguesa. Melhor do que um relatório escrito, os biombos são uma autêntica experiência narrativa onde, qualquer que seja a língua falada, uma imagem será sempre compreendida por todos.



Fig. 1- Biombo Nanban exposto no Museu Nacional de Arte Antiga



Fig. 2- Arca Nanban

No entanto, a arte Namban japonesa não se resume aos biombos. Existem muitos oratórios, contadores, capacetes namban, estribos e tabuleiros de gamão. Os portugueses também introduziram na cultura japonesa jogos de cartas, hoje conhecidos como karuta, para as quais há registos de caixas lacadas feitas para guardar essas mesmas cartas de jogar. Também foram feitos vários objectos dedicados ao belicismo, como armas de fogo e armaduras com influências europeias, nomeadamente na forma do elmo.

Os padres da Companhia de Jesus também utilizavam imagens para pregar, para que a barreira linguística não fosse, de facto, um problema que impossibilitasse a passagem da palavra de Deus. As imagens utilizadas são de Virgem Maria e de Jesus Cristo. Mais tarde surgiram oratórios, todos bastante trabalhados, com apliques em madreperla e muitos detalhes de lado, o que demonstra o cuidado com que os japoneses tratam o que lhes é estimado. Muitas das peças eram lacadas, sendo bastante ornamentadas com os seus tons de preto, vermelho e dourado, os quais estamos bastante acostumados a ver nas peças de olaria do extremo oriente. Todos estes objectos de estilo Namban eram comercializados e vendidos a um bom preço, devido à carga exótica que continham.

2. A Língua Portuguesa no Japão

Como já foi referido acima, os primeiros contactos da língua portuguesa no Japão ocorreram em 1543, altura em que a primeira embarcação portuguesa chegou ao arquipélago. Tomaram, assim, contacto com uma cultura bastante civilizada e com um sistema linguístico bastante desenvolvido. Desde o início dos Descobrimentos portugueses, os Missionários Jesuítas, que pouco depois chegaram ao Japão, sabiam a importância da aquisição da língua do lugar onde queriam transmitir. Assim, foram escritas cartilhas e catecismos em japonês, uma vez que as lições só eram faladas na língua local – como por exemplo *A Arte breve da língua Iapoa*, de João Rodrigues, editado em Macau em 1620. Houve também bastante interesse dos japoneses pela cultura Ocidental, incluindo pela língua portuguesa: “Os Portugueses, pelo contrário, estiveram no Japão durante quase um século, e contribuíram decisivamente para a transformação do país medieval, anárquico e feudal, num estado moderno, pacificado e centralizado. O interesse quase inesgotável dos Nipónicos por temas portugueses tem, pois, um fundamento histórico.” (Costa 1998)

João de Barros afirmava que a língua portuguesa era aprendida nos templos budistas japoneses. Isso demonstrava respeito e interesse pela língua que os Ocidentais haviam trazido. Nos séculos XVI e XVII eram utilizadas cerca de 4000 palavras de origem portuguesa, tendo sido apropriadas pela língua japonesa e tomando a sua própria forma, sendo ainda hoje utilizadas, como por exemplo:

ボタン (bo-ta-n) – Botão

パン (pa-n) - Pão

てんぷら (te-n-pu-ra) – Tempura

Após cerca de um século de permanência cristã em território japonês, em plena era Tokugawa, os cristãos e comerciantes portugueses foram expulsos do território, numa plena recusa dos valores transmitidos por estes. Lentamente, o Japão fechou-se sobre si mesmo e foi perdendo contacto com o exterior.

A era Tokugawa termina no século XIX e dá início à era Meiji, altura em que o Japão se reabre ao mundo. Em 1860, Lisboa voltam a estabelecer relações diplomáticas com Tóquio e é iniciada uma troca de personalidades culturais entre os dois países envolvidos. Escritores como Pedro Gastão Mesnier, Ladislau Batalha e Wenceslau de Moraes abriram caminho e inspiraram tantos outros portugueses a conhecerem o Japão. Começou assim uma segunda fase da presença do português no Japão.

Em 1919 é criado o primeiro curso universitário de língua e cultura portuguesa na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio (Tokyo Gaidai)¹. A partir da Segunda Grande Guerra, começaram a estabelecer-se cursos e departamentos dedicados à língua e cultura portuguesa, onde, para além da língua, são também apresentados livros de autores portugueses que integram o currículo escolar. Foram, entretanto, traduzidos livros de José Saramago, Luís de Camões, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz, Gil Vicente, entre muitos outros.

A terceira fase é marcada pela forte presença de imigrantes brasileiros que habitam no Japão. A partir da década de 80, devido ao grande crescimento económico que se verificou no Japão, começou uma corrente de migração do Brasil para o país asiático como não se havia verificado antes. Em 1990 foi emitida uma lei onde os descendentes e cônjuges de emigrantes japoneses até à quarta geração poderiam exercer actividade no Japão por um período de três anos. Isso levou a uma nova realidade – muitos descendentes de japoneses que aproveitaram a promulgação desta lei e foram para o Japão falam apenas português. As trocas culturais que foram feitas entre japoneses e brasileiros têm o nome de *dekasegi*. Estas trocas são feitas ao nível do cinema e da música e recentemente ao nível do futebol, desde 1990. Em 2006, estavam registados 312.979 cidadãos de nacionalidade brasileira no Japão, sendo assim o terceiro maior grupo de imigrantes no país, depois dos chineses e dos coreanos.²

Deste modo, a comunidade de luso-falantes é bastante importante no Japão e o português tem uma elevada importância no país, tanto para os

¹ Dados históricos sobre relação Portugal – Japão: <http://www.embaixadaportugal.jp/centro-cultural/portugal-e-japao/historia-cronologia/pt/>

² Dados do Ministério da Justiça Japonês: <http://www.moj.go.jp/ENGLISH/IB/ib-01.html>

imigrantes brasileiros e seus descendentes como para os japoneses que têm contacto com a comunidade brasileira e que desejam conhecer mais acerca desse grupo tão vasto que coabita com eles.

2.1 Política de ensino de Português L1 nas escolas

No Japão, o sistema público de ensino não pretende adoptar nos currículos o ensino de português ou japonês como língua segunda. Ao ter uma comunidade brasileira de grandes dimensões no país, a língua portuguesa tem uma presença realmente importante para a sociedade do país. As escolas públicas japonesas são gratuitas, podendo mesmo oferecer apoio financeiro a quem necessite. No entanto, não há ensino de japonês como língua segunda para apoiar os alunos estrangeiros na aquisição da língua japonesa. A única língua estrangeira utilizada nas escolas é o inglês. Os alunos que demonstrem dificuldades na língua japonesa – reforço que é o mesmo ensinado a japoneses e estrangeiros – ficarão retidos no ano escolar e só progridem quando atingirem o grau de proficiência pretendido no programa escolar.³

Existem ainda escolas brasileiras no Japão que se dedicam ao ensino do português como língua materna. No entanto, muitas vezes essas mesmas escolas estão mal estruturadas e algumas são mesmo ilegais. O ideal seria que houvesse um equilíbrio entre o ensino público japonês e as línguas maternas de cada imigrante. O caso chega a ser tão grave quanto as crianças descendentes de imigrantes falam bem japonês mas não se conseguem fazer-se entender em casa porque os pais não tiveram tempo nem oportunidade de adquirir a língua japonesa e os filhos não sabem falar português correctamente⁴ (as horas de trabalho mínimas no Japão são 10 horas).

É, por isso, necessário criar o apoio de que os imigrantes luso-falantes necessitam, seja criar cursos de língua para os pais e/ou alunos, para que desenvolvam capacidades linguísticas nas duas línguas e para que haja uma harmonia entre a língua e herança e a língua que têm agora que adquirir, sem que haja preconceitos de uma em relação à outra.

³ Folheto do Ministério da Educação e Saúde Japonês
http://www.mext.go.jp/component/english/_icsFiles/afieldfile/2011/03/17/1303764_013.pdf

⁴ Artigo da comunidade brasileira no Japão:
http://www.revistaeducando.jp/index.php?option=com_content&view=article&id=174%3Ao-ensino-do-portugues-como-lingua-de-heranca&catid=46%3Amanchete&Itemid=61

2.2 Método de Ensino de Português como LE

A outra problemática existente no Japão relacionada com o ensino do português manifesta-se através do método de ensino utilizado. O Método de Ensino de Línguas estrangeiras maioritariamente utilizado é o gramatical, ou seja, é baseado na tradução de palavras, expressões e textos escritos na língua estrangeira para a língua materna.

O Professor Edison Rosa, docente de língua portuguesa no Japão, aponta num ensaio seu alguns defeitos no ensino de português no Japão. Uma das problemáticas que refere é o facto de os japoneses adaptarem todas as palavras estrangeiras no sistema de caracteres *katakana*, no qual as palavras são formadas por sons; cada sílaba tendo uma consoante e uma vogal. Por exemplo:

アルゲン – *Arugén* – Alguém

ボボルタル – *Bo-borutaru* – Vou voltar

Ao facilitarem o ensino de línguas através deste sistema, estão a criar hábitos de dicção aos alunos que não são aplicáveis no convívio com a língua que estão a adquirir.

O ponto central que o autor indica como sendo o factor mais importante para a dificuldade do ensino de português no Japão é a má transmissão da cultura luso-brasileira nas aulas de língua portuguesa. No decorrer das aulas, apenas é leccionada a língua e a gramática, sendo deixada de lado a cultura, tradições e costumes, algo bastante importante para a compreensão de uma língua estrangeira. O autor afirma mesmo existir “uma total dissociação entre ensino de língua e cultura no Japão” (Rosa 2002). O motivo é a falta de contacto dos professores, muitos deles de origem japonesa, com as culturas das línguas que leccionam. Assim, é necessário apostar na formação de qualidade dos professores de modo a que haja cada vez mais e melhor qualidade de ensino de português no Japão.

Do mesmo modo, o Professor Akira Kono, especialista em Língua Portuguesa e linguística da Universidade de Osaka, no Japão, também aponta o pouco conhecimento cultural acerca de Portugal e Brasil como um dos motivos

para a dificuldade de aquisição da língua portuguesa por parte de estudantes japoneses.

“Antes de mais nada, deve-se salientar que na formação intelectual dos alunos japoneses até o momento da matrícula, a informação sobre o Brasil e/ou Portugal é lamentavelmente escassa.” (Kono 1998)

No entanto, graças ao movimento *dekassegui*, os japoneses começam a ter cada vez mais contacto com falantes de português e com a cultura que vão transportando para o país. Assim vão aumentando o seu interesse pela cultura luso-brasileira.

Actualmente, existem 31 de português em universidades japonesas, o que faz um total de 5035 alunos, entre estas universidades existem cinco departamentos de estudos luso-brasileiros, cerca de 52 professores de nacionalidade japonesa, 19 professores de nacionalidade brasileira e 3 professores de nacionalidade portuguesa – de acordo com as informações que o IPOR amavelmente disponibilizou.

Ao invés de aulas caírem na zona de conforto focado na gramática, deveria haver um investimento mais directo que tornasse as aulas em experiências interessantes acerca da cultura luso-brasileira. Os alunos deveriam ser estimulados a aprender e interessarem-se pela cultura da língua que estão a aprender. A importância do contexto cultural observa-se na utilização da língua estrangeira em sociedade, e torna uma mera tradução de palavras na escolha das palavras certas para cada situação social.

As aulas deveriam conter vários tipos de cultura: cultura informativa, ou seja, geografia, história, religião e outros dados relativos ao país; cultura adquirida que se refere à literatura, música e arte produzida no país da língua em estudo; cultura comportamental, onde são abordados os vários aspectos da cultura quotidiana, sendo importante para a interacção entre estrangeiros e nativos.

Também o preconceito existente entre os japoneses em relação a elementos vindos do estrangeiro dificulta o processo de aquisição da língua. Na verdade, a primeira escola luso-japonesa existente no Japão tem muita afluência e a maioria dos alunos são japoneses nativos. Neste caso, não verificamos o

preconceito. No entanto, a aversão a elementos não-nativos está presente na política de integração de alunos estrangeiros, como foi referido acima.

Deve haver, portanto, para além de uma imersão na cultura que se está a adquirir, uma interacção de qualidade entre cultura da língua materna – neste caso japonesa – e a cultura da língua que se aprende – portuguesa. Deve-se partir ao encontro dos pontos que têm em comum e que, ao contrário do que se pensa, existem em grande quantidade.

No entanto, têm havido alguns pontos de incentivo à língua portuguesa, como por exemplo o concurso promovido pelo Instituto Camões nas Faculdades de Estudos Portugueses e Brasileiros do Japão, um concurso onde é dada ao aluno que tiver melhor pronúncia enquanto fala português uma bolsa de estudo para poder vir estudar em Portugal. Este tipo de incentivos são absolutamente necessários para a criação de bons laços culturais entre Portugal e Japão e também para que os alunos queiram aprender a falar bem português.⁵

Os pontos divergentes também são bastante cruciais no processo de aprendizagem. Por exemplo, a língua japonesa valoriza maioritariamente o que é dito, enquanto que a língua portuguesa dá mais importância à maneira como é dito. A expressão *itadakimasu*, utilizada no Japão antes de qualquer refeição, significa literalmente “agradeço a Deus pela comida”. Em português utilizar esta expressão traduzida iria ser entendida como uma frase de alguém muito religioso. A diferença deve ser explicada ao aprendente e deve ser ensinada a expressão correcta, que mais se diz num contexto desses: “bom proveito” ou “bom apetite”.

Há também bastantes pontos convergentes entre a cultura portuguesa e a cultura japonesa, algo que seria interessante aprofundar para aumentar o interesse pela língua portuguesa. Talvez por ambos os países estarem intimamente ligados ao mar e, de certa maneira, isolados de outros países, tenham desenvolvido certos pontos nas suas culturas que podem dizer-se idênticos.

Não se limita ao gosto e importância que ambos os países dão ao peixe, por exemplo. Tanto Portugal como o Japão são conhecidos por serem grandes

⁵ Mais informações acerca do concurso podem ser encontradas aqui: <http://www.embaixadadeportugal.jp/cultural-centre/en/>

consumidores de peixe, sendo aqui mais evidente a influência do mar. Também ambos são povos navegadores, mais por força das circunstâncias político-económicas e sociais que levaram ambos os povos a rumar ao mar do que exactamente por vocação, como por exemplo, corte de relações por parte do Japão com a China e, em Portugal, os Descobrimentos surgiram de uma necessidade de sobreviver quando não se podia recorrer à Europa, nomeadamente devido à expansão do Império Turco e à crise europeia que se vivia na época.

Encontramos também muitas semelhanças principalmente nos provérbios e contos populares. Basta fazer uma simples pesquisa na internet para ficarmos surpreendidos com as semelhanças entre os provérbios portugueses e japoneses. Como por exemplo:

一石二鳥 - Isseki ni chou – uma pedra, dois pássaros.

Este provérbio assemelha-se ao “matar dois coelhos com uma cajadada só”

猫に小判 - neko ni koban – moedas para gatos

Este provérbio também se assemelha ao nosso “dar pérolas a porcos”⁶

壁に耳あり、障子に目あり - kabe ni mimi ari shouji ni me ari – as paredes têm ouvidos e as portas têm olhos.

塵も積もれば、山となる - chiri mo tsumoreba, yama to naru – mesmo o pó quando acumulado forma montanhas.

Este provérbio é o equivalente ao nosso “grão a grão enche a galinha o papo”.⁷

Julgo que estes factores culturais que se cruzam podem ser muito benéficos para o ensino da Língua e cultura Portuguesa no Japão e para ajudar a aumentar o interesse dos alunos japoneses na nossa cultura e língua.

⁶ <http://www.cs.cmu.edu/~fgandon/miscellaneous/japan/>

⁷

http://thejapanesepage.com/vocabulary/kotowaza/japanese_proverbs/chiri_mo_tsumoreba_yama_to_naru

3. Processo de criação da Unidade

Em Portugal, o ensino de português para estrangeiros está generalizado, isto é, não é focado especificamente numa nacionalidade ou numa língua específica. Os cursos estão divididos por curso de verão, que geralmente têm a duração de quatro semanas, e cursos anuais com a duração de 13 semanas. Há também a distinção entre alunos bolseiros e estrangeiros residentes em Portugal. Os primeiros, frequentam também aulas de culturas e literaturas portuguesas nas faculdades para que lhes é dada a bolsa de estudo. Os que por motivos de trabalho, ou por algum outro motivo, querem apenas frequentar as aulas de ensino de português para estrangeiros, também têm aulas em conjunto com os mesmos alunos bolseiros. No entanto, cada aluno de cada nacionalidade diferente tem métodos de aquisição de línguas diferentes.

Nessas aulas encontramos alunos que variam tanto em nacionalidade como idade, tendo aulas com alunos da Europa, Ásia, América, com línguas maternas derivadas ou não do latim ou com algumas semelhanças com esta língua clássica. Partindo do princípio de que, para falantes de línguas latinas como o Espanhol e Italiano, a comunicação se torna mais simples e mais fácil, aumentando as probabilidades de compreensão da língua que está a ser leccionada, também temos de considerar a metodologia utilizada nesses países para ensinar línguas estrangeiras. O modo como os alunos as aprenderam influencia bastante o modo como irão aprender outras línguas. Caso se dê mais ênfase à gramática e sintaxe e menos à oralidade, os alunos terão tendência a desenvolver mais a sua escrita do que o oral. Irão muito provavelmente utilizar os mesmos métodos de aprendizagem para adquirirem as línguas estrangeiras subsequentes, uma vez que foi assim que foram expostos às primeiras aquisições.

Mas, e voltando a nossa atenção para a nacionalidade dos alunos, após conversas que tive com professores de Português no Japão e alunos de português de nacionalidade japonesa, todos me disseram igualmente que as maiores dificuldades que encontravam eram a nível da comunicação oral. Tinham dificuldades em compreender e reproduzir o discurso oral e, em comparação

com as competências escritas, estas estavam bem mais desenvolvidas e com um nível de precisão bem mais elevado do que o desempenho oral.

Passando à minha experiência enquanto aluna de japonês, o que é sempre mais trabalhado nas aulas é a gramática. Talvez por o japonês ser uma língua considerada como das mais difíceis de adquirir, tanto pela sua gramática complexa e as suas diversas formas de aplicar, torna-se uma escolha quase óbvia que primeiro se aborde a gramática e depois as várias formas de a aplicar no discurso. Quando fiz o exame *Japanese Language Proficiency Test*, a secção onde tive a pontuação mais alta foi precisamente na gramática, seguida da secção do vocabulário e interpretação e, por fim, a que é na minha opinião mais difícil, a secção de compreensão dos caracteres japoneses – os chamados *kanji*.

Ao contrário da língua japonesa, na qual se dá bastante importância ao modo correcto de se construírem as frases e as ideias tendo sempre em vista a construção de uma frase o mais racional possível, o português é uma língua que se expressa de uma forma em que frequentemente é mais importante transmitir a mensagem do que fazê-lo de uma forma correcta. Quem sabe se não é por isso que se diz que “os portugueses falam todas as línguas”? Talvez por isso os japoneses tenham mais dificuldade quando se vêem confrontados com situações em que tenham de comunicar em português.

Esta utilização da linguagem é condicionada pela cultura uma vez que, apesar de a comunicação ser um acto natural, a língua e sua aquisição têm sido desenvolvidas ao longo do tempo e têm sido afectadas por factores exteriores, como o contacto com outros povos e a evolução da ciência, por exemplo. Através tanto da estrutura frásica como das expressões utilizadas para transmitir ideias, podemos conhecer a cultura e estrutura de organização de pensamentos dessa mesma sociedade.

Existem muito mais parecenças na construção gramatical japonesa e portuguesa do que muitos afirmam. É possível encontrar pontes de entendimento que tornam mais fácil o processo de aquisição de uma língua e outra. Por exemplo, uma das formas gramaticais dos verbos intencionais em japonês é formada com o verbo 見る (Miru – ver). As formas intencionais dos vários verbos poderiam ser assim explicadas:

食べてみます (tabete mimasu) – vou tentar comer – vou ver se como

調べてみます (shirabete mimasu) – vou tentar encontrar – vou ver se encontro

Apesar de não ser o mesmo verbo (みます vs. 見ます), dizem-se da mesma forma e podem ser uma maneira de tornar mais automática a utilização da forma. Quando aprendemos uma língua nova, é importante encontrarmos pontos a que podemos associar conhecimentos e tornar mais fácil o processo de utilização da língua.

Mas, como já tinha referido na primeira parte deste trabalho, o mais evidente são as expressões culturais, que são bastante similares nas duas línguas.

Por exemplo, あなたのおかげです (anata no okage desu) que significa, literalmente, “é a sua graça” e que significa “graças a si”. Os japoneses dizem muito esta expressão para dar mérito a deus pelos mesmos motivos que nós quando dizemos esta expressão.

Também quando nós, por alguma preocupação que temos, dizemos que temos uma dor de cabeça – “a crise dá-me dores de cabeça” – também os japoneses têm a mesma expressão para o mesmo tipo de situação - 頭が痛い, “atama ga itai”.

Se procurarmos sempre encontrar estas pontes de semelhança entre uma língua e a outra, conseguimos eficazmente transmitir os conhecimentos de uma forma fácil, divertida e interessante. Por este motivo, eu defendo que é importante um professor, que esteja a ensinar Português a alunos de uma língua que não domina, aprender essa língua para conseguir entender essas semelhanças e também conseguir fazer um processo de reflexão para compreender as componentes culturais que condicionam a língua e, por conseguinte, a aquisição de outras.

Há também, no entanto, muitos factores que não são semelhantes entre o português e o japonês. A começar pela distinção de número e de género. Os japoneses não fazem esta distinção. Por isso, é um processo complicado transmitir esta característica da língua portuguesa. Na unidade que irei

apresentar à frente irei tentar dar uma proposta para esta “hidra” que encontramos quando estamos a leccionar português a estrangeiros.

Outra “dor de cabeça” para os estudantes japoneses de língua portuguesa são as formas reflexivas. Não faz sentido para eles dizermos “esqueci-me” em vez de dizer “esqueci” ou “lembrar-me” em vez de “lembrar” – este último, mesmo quando o utilizamos na frase “fiz-te lembrar do dia de ontem”, recorremos ao reflexivo mas noutro verbo.

Há também a questão da diferença entre português europeu e português do Brasil. Apesar de muitos alunos de português como língua estrangeira apenas conhecerem a diferença oral, ambas as línguas têm formas sintácticas diferentes que não devem ser ignoradas e sim apresentadas de igual modo aos alunos. Enquanto que a pronúncia da língua portuguesa é mais fácil de reproduzir por parte dos japoneses, há formas verbais que são mais simples de compreender no português do Brasil, como por exemplo o gerúndio, que em português europeu se utiliza como “estou a ver” e no português do Brasil “estou vendo”. Os japoneses também utilizam apenas duas palavras para se referirem ao mesmo tempo verbal (“見ています” ou “mite imasu”).

O que irei propor na minha unidade é um conjunto de exercícios que irão ser consolidados com informações culturais acerca de Portugal e também sobre o Brasil. Ambos são países onde se fala português e não considero justo que um ou outro seja posto de parte. Na minha opinião, o recurso a literatura e música é um ponto positivo na transmissão de línguas e de culturas, pelo que tentarei utilizá-lo na medida do possível na unidade que irei propor.

No entanto, é necessário ressaltar que esta proposta de unidade didáctica é apenas uma proposta embrião que gostaria de trabalhar mais no futuro e continuar até se tornar num livro. O meu objectivo é mesmo criar um conjunto de manuais de Português para Estrangeiros que possam ser utilizados por professores no Japão e que considerem que é um material essencial para a construção e o decorrer das suas aulas.

3.1 Metodologias de Ensino de Línguas Estrangeiras

Existem várias metodologias utilizadas para o ensino de Línguas Estrangeiras. Cada instituição e professor optam pelo método que consideram mais eficaz e com o qual se sentem confortáveis. Estas metodologias são utilizadas para facilitar o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Um dos métodos é o método da tradução, em que os alunos são habituados a traduzir textos, diálogos e outro tipo de comunicação em língua estrangeira para a sua própria língua materna, memorizando as palavras de língua estrangeira através dessa mesma tradução. Este método surgiu no século XIX e foi muito utilizado por professores de Latim que, por ser uma língua morta, apenas pode ser trabalhada através da escrita.

“At school, the teaching of grammar consists of a process of training in the rules of a language which must make it possible to all students to correctly express their opinion, to understand the remarks which are addressed to them and to analyse the texts which they read. The objective is that by the time they leave college, the pupil controls the tools to the language which are the vocabulary, grammar and the orthography, to be able to read, understand and write texts in various contexts. The teaching of grammar examines the tests, and develops awareness that language constitutes a system which can be analyzed. This knowledge is acquired gradually, by traversing the facts of language and the syntactic mechanisms, going from simplest to the most complex.” (Anónimo 2013)

Os alunos que adquirem línguas estrangeiras através deste método são capazes de compreender e reproduzir correctamente textos na língua estrangeira. Uma vez que a gramática e as expressões linguísticas são praticadas até se tornarem como algo natural para os alunos obtêm assim resultados muito positivos em relação à escrita.

Outro método de ensino de Línguas Estrangeiras é o chamado “Método Directo” ou “Método Natural”. Quando aplicado, a língua estrangeira é introduzida ao aluno sem qualquer tipo de tradução. O aluno irá ouvir, desde o início, a língua que vai aprender em todas as aulas e o professor irá apenas

expressar-se naquela língua. Este método foi criado na Alemanha no século XX e baseia-se na teoria de aquisição da língua materna. Ou seja, defende o *input* da língua, como é feito às crianças enquanto crescem a aprender a sua língua materna. Por isso se chama “método natural”, por a língua ser naturalmente adquirida pelos alunos.

“According to this method, printed language and test must be kept away from second language learner for as long as possible, just as a first language learner does not use printed word until he has a good grasp of speech. Learning of writing and spelling should be delayed until after the printed word has been introduced, and grammar and translation should also be avoided because this would involve the application of the learner’s first language. All above items must be avoided because they hinder the acquisition of a good oral proficiency.” (Anónimo 2013)

Também é utilizado o método “áudio-linguístico” em que os alunos vêem imagens de actores a agir em certas situações padrão e a utilizar certos discursos ensaiados para que possam aprender. Este método foi bastante utilizado por militares durante a II Guerra Mundial.

Depois temos o método construtivista que é baseado nas ideias europeias da interacção, em que o aluno aprende a língua estrangeira através da comunicação activa e da troca de ideias entre indivíduos.

Há ainda o método de aprendizagem por imersão, estando os alunos em contacto constante com a língua estrangeira e assim aprendem o modo de expressão dos falantes nativos, quer seja uma forma correcta de falar ou não. Por isso, muitas vezes, os alunos que aprendem línguas por imersão têm mais tendência a cometer erros, mesmo que sejam semelhantes aos dados pelos falantes nativos.

Pode referir-se também um método utilizado nos cursos diplomáticos nos Estados Unidos da América em que são ensinadas aos alunos frases padrão. Estas são repetidas várias vezes pelos alunos que as memorizam e são depois capazes de as reproduzir. O grande desafio deste método é os alunos conseguirem comunicar fora do contexto das frases memorizadas, uma vez que não é desenvolvida a flexibilidade da língua adquirida.

O método “Aprendizagem através do ensino” (“Learning by Teaching”) foi desenvolvido na Alemanha e defende que os alunos devem tomar o lugar dos professores e ensinar aos colegas as informações dadas nas aulas. Um ponto positivo deste método é o facto de a comunicação ser mais simples entre colegas e também serem capazes de se ajudarem mutuamente nas dúvidas que poderão surgir.

Há ainda um método bastante conhecido e que é conhecido como o sistema de linguagem de Pimsleur em que foram criadas dezenas de fitas áudio para que os alunos possam aprender a língua através da audição dessas cassetes.

Um dos métodos mais conhecidos de ensino/aprendizagem de língua estrangeira foi desenvolvido por Krashen. O que o autor defende está relacionado com a diferença entre aprendizagem e aquisição. Krashen diz que a aprendizagem é algo que se faz conscientemente e a aquisição faz-se, pelo contrário através de um processo subconsciente. O que Krashen diz também é que através da aprendizagem somos capazes de ganhar competências que ajudam a “monitorizar” a aquisição da língua que estamos a aprender e assim tornar o processo de aquisição em algo de consciente. Os alunos que utilizam ferramentas para monitorizar o conhecimento a que são expostos apenas irão conseguir ter um bom aproveitamento quando forem capazes de compreender o conhecimento veiculado e quando este for significativo para eles.

“Importantly, Krashen insists that learning does not turn into acquisition except in a certain convoluted way. This can occur only if second-language students successfully monitor their language production input. This self-produced input then becomes part of the total necessary for acquisition to take place.” (Tricoli 1986)

Existem ainda várias estratégias de aprendizagem que ajudam os alunos a desenvolver as capacidades de aquisição da língua estrangeira que estão a aprender.

Uma dessas estratégias é conhecida como “Code Switching” e consiste em que enquanto estão a comunicar na língua estrangeira os alunos vão alternando entre a sua língua materna e a língua-alvo. Ou seja, o aluno está a transmitir uma ideia numa língua e os termos que desconhece, irá reproduzi-los

na língua materna. Assim, os alunos ficam motivados a desenvolver o seu discurso e também memorizam as palavras que não conhecem deste modo.

Outra estratégia de aquisição é o “Blended-learning” onde se combinam as novas tecnologias com os materiais de ensino de línguas estrangeiras. Assim, os alunos e professores conseguem ter uma melhor interação dentro e fora das aulas e os alunos conseguem aprender a língua de uma forma simples e podem ir pesquisando os temas abordados na internet sempre que assim o quiserem.

O método mais utilizado no Japão é o método de tradução, em que as línguas estrangeiras que estão a ser aprendidas pelos alunos são completamente traduzidas para japonês. A grande dificuldade neste método utilizado é que, apesar de os alunos ao traduzir conseguirem expressar-se perfeitamente através da escrita, a nível da oralidade obtêm resultados de aquisição muito fracos. Esta situação verifica-se principalmente com línguas bastante diferentes da língua japonesa. Mesmo tendo muitos estrangeirismos no seu vocabulário, os japoneses reproduzem-nos com a pronúncia japonesa e transpõem essa pronúncia quando estão realmente a falar uma língua estrangeira.

3.2 A Unidade

Para esta unidade embrionária do Manual de Língua Portuguesa para Estrangeiros irei abordar o nível A1, de acordo com o QuaREPE, mas obviamente com exercícios adaptados ao público a que se destinam. O público-alvo são alunos universitários japoneses, tanto em contexto de imersão como no próprio país nativo. Será uma unidade que pretenderá preencher uma aula de uma hora e meia e com mais alguns exercícios extra, caso os objectivos da aula sejam cumpridos antes de tempo. A unidade pode ser encontrada em Anexo.

De acordo com o QuaREPE, o conhecimento adquirido pretendido para um aluno no final do nível A1 é o seguinte:

“O aprendente:

- É capaz de compreender e utilizar palavras e expressões conhecidas e simples para satisfazer necessidades específicas, identificando tema e conteúdo em textos informativos bastante simples;
- É capaz de interagir de forma muito simples compreendendo e usando as expressões mais comuns do quotidiano e frases muito simples com objectivo de satisfazer necessidades comunicativas concretas, desde que o interlocutor fale devagar e de forma clara e seja cooperativo;
- É capaz de estabelecer contactos sociais e educativos, de se apresentar e apresentar outros, de pedir e dar informações sobre identificação e caracterização pessoais;
- É capaz de interagir sobre tópicos do seu interesse;
- É capaz de resolver as dificuldades de comunicação, pedindo ajuda.”⁸

A minha unidade contém uma proposta para uma aula de duas horas. Julgo ser mais produtivo, numa fase inicial, as unidades do manual serem divididas por aulas, em que existe uma abordagem do tema nos primeiros

⁸ <http://www.dgicd.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=67>

noventa e nos noventa minutos seguintes fazemos exercícios de revisão. Iremos então continuar a praticar a oralidade, quer através da escuta activa, de músicas ou filmes e com a letra ou o diálogo para que os alunos a possam acompanhar. Nesta unidade, o objectivo é os alunos saberem apresentar-se pelo nome e nacionalidade. Julgo que é importante que os alunos aprendam a saber apresentar-se e também para introduzi-los à língua e à dinâmica das aulas. Os alunos poderão recorrer ao uso do dicionário de português-inglês ou japonês-português que será uma ferramenta valiosa tanto para os exercícios nas aulas como nos trabalhos propostos para casa.

O primeiro exercício que proponho visa envolver os alunos na aula e estimular a oralidade. Ao perguntar que imagens identificam com a língua portuguesa, conseguimos fazer um exercício que nos ajuda a perceber os motivos pelos quais os alunos se inscreveram nas aulas e também aferimos o nível de conhecimento prévio que têm. Também funciona como “quebra-gelo” entre o Professor e alunos e para transmitir conhecimentos sobre Portugal e Brasil. Este exercício deverá ter a duração de aproximadamente dez minutos, dependendo obviamente do tempo que os alunos levarem para responder.

De seguida, apresento uma imagem com vários alunos a apresentarem-se. As apresentações são uma parte importante, tanto para Portugal como para o Japão. E, para mim, faz sentido que, numa primeira aula, comecemos desta forma a ajudar os alunos a saberem apresentar-se em português.

Introduzo então o alfabeto em português e a sua pronúncia com caracteres japoneses, *katakana*. Assim será mais fácil para os alunos praticarem em casa em português. Para complementar a didáctica do alfabeto, propus o visionamento de um vídeo que os alunos podem consultar em casa, para que se habituem a ouvir em português e também para que tentem ultrapassar a dificuldade entre a pronúncia do “L” e “R”. Uma vez que os alunos serão incentivados a reproduzir o alfabeto, este exercício deverá contar com vinte minutos para a sua execução, já tendo em conta o tempo de exibição do vídeo.

Depois tratei de introduzir os pronomes pessoais. Para se apresentarem, é necessário saberem como apresentar e que pronomes utilizar. Também para mais tarde nesta aula aprenderem o verbo *ser* é importante que saibam as pessoas que

devem conjugar. Julgo que cinco minutos serão suficientes para completar este tópico.

Passo então para a diferenciação entre género masculino e feminino. Escolhi abordar este assunto numa primeira aula uma vez que é algo que suscita muitas dúvidas e confusões por parte dos alunos que estudam a língua portuguesa. Por isso mesmo, julgo que este é um ponto que devemos abordar constantemente e tentar tornar quase intuitiva a aplicação do género. Obviamente que este processo é demorado mas julgo ser benéfico para o aluno ter alguns pontos constantes enquanto aprende uma língua. Também proponho a visualização de um vídeo que explica a diferença e uso dos géneros e que, mais uma vez, tem o objectivo de habituar os alunos a ouvir falar português. Para esta actividade proponho trinta minutos, já contando com o vídeo e também com as dúvidas que os alunos irão colocar, para conseguir que haja uma explicação clara sobre a distinção de géneros que ocorre na língua portuguesa.

Aproveitando o facto de ter abordado já o género feminino e masculino, dou como vocabulário as nacionalidades e como se forma o seu feminino. Mais uma vez, o tema da unidade será relacionado com as apresentações e é importante seguir esta linha de transmissão de informação. Este tópico da aula deve ser abordado em cerca de cinco minutos.

Por fim, e para complementar todo o conhecimento que foi abordado na aula, proponho que seja dada a conjugação do verbo Ser no Presente do Indicativo e alguns exercícios para o complementarem. E, depois de toda esta aula, os alunos devem apresentar-se um a um, indicando o nome e a nacionalidade. Para esta actividade espero que sejam dedicados cerca de trinta minutos da aula para que possam compreender plenamente a conjugação do verbo e também para que se possam todos apresentar um a um.

Mais uma vez, considero importante que os alunos se sintam incentivados desde a primeira aula a participar oralmente e a desenvolver esta capacidade, uma vez que é a área onde encontram mais dificuldades.

“Engaging students in language learning

-Try to do most activities in a variety of ways, groups, pairs, at desks, in a learning circle

-Use the circle for listening, speaking and responding activities – teacher(s) sit in the circle too.

-Keep desks for getting started, writing, settling, consolidation, word games with cards.

-Games should be seen as fun ways of learning, not competitions. No-one gets ‘out’.”⁹

O que proponho, para concluir a aula, é a introdução de um elemento cultural que possa ser discutido de uma forma informal na aula. Assim, o professor pode, mais uma vez, desencadear uma conversa saudável e interessante sobre culturas e sobre factos que interessem aos alunos. Propus nesse sentido o visionamento de um filme da cantora Carminho, conhecida por ser da nova geração de fadistas, numa tentativa de mostrar o Portugal actual e a cultura que se faz em Portugal e não o que era feito há anos atrás. Os alunos seguirão a música através da letra que encontram no manual e o professor irá explicar o significado da letra. E, de seguida, volta-se mais uma vez ao livro.

Não quero limitar a cultura dada nas aulas à cultura portuguesa, por isso gostaria de abordar temas das culturas brasileira e africana nas outras aulas, uma vez que considero importante que os alunos conheçam o português que se fala no mundo.

Um ponto que gostaria de introduzir nas aulas num nível mais avançado, é os alunos visualizarem episódios do programa da RTP *Cuidado com a Língua*, que julgo conter informação muito cativante sobre a língua e cultura portuguesas, abordando também o português do Brasil, pelo que pretendo incorporá-lo também nas aulas de português para japoneses.

Também considero relevante que os alunos tenham conhecimento de autores literários de expressão portuguesa, uma vez que no Japão os autores mais abordados são Camões e Fernando Pessoa. Por isso, é importante que os alunos conheçam um outro lado de Portugal e da lusofonia e que os professores introduzam, aos poucos, obras literárias de autores como Eça de Queiroz, Paulo Coelho, Mia Couto, etc. Julgo que seria interessante que os alunos pudessem ver disponível obras literárias de expressão portuguesa, numa versão simplificada,

⁹ <http://ab-ed.boardofstudies.nsw.edu.au/files/engaging-students-lang-learning.pdf>

para que ficassem a conhecer mais da cultura da língua portuguesa e pudessem assim interessarem-se mais por esta.

Como já disse, este é um projecto embrionário que será, certamente, alvo de muitas alterações ainda, quer pela experiência didáctica neste país, quer por sugestão de terceiros que será sempre algo bem-vindo para este trabalho. O que, de facto, pretendo com a produção de um manual é criar uma forma de melhorar a aquisição de conhecimentos por parte dos japoneses e também modernizar a forma como a cultura portuguesa é transmitida e criar ainda mais interesse pela língua e aumentar o conhecimento acerca dos países de expressão portuguesa.

Pretendo utilizar a língua inglesa ou mesmo a língua japonesa para alunos no nível A1, uma vez que, num primeiro impacto, as línguas portuguesa e japonesa são bastante diferentes e, para garantir uma compreensão mais solidificada, é necessário fazê-los entender bem o que é ensinado na aula e aquilo que estão a aprender. Reforço que é sempre necessário encontrar formas de os manter interessados nas aulas para que consigam aprender e para que queiram estudar a língua portuguesa durante mais anos.

Penso ser interessante que seja possível criar uma plataforma que funcione como moodle, uma ferramenta que os alunos possam consultar em casa e para que possam aprender com as novas tecnologias. Hoje em dia, é necessário que os professores se “actualizem” em relação às tecnologias e que estejam num pé semelhante ao dos seus alunos. Por isso, é sempre importante que os professores procurem formas novas de transmitir informação. Uma página na internet a que os alunos possam aceder sempre que quiserem, pedir informações aos professores sempre que a requisitarem, e ainda terem sempre uma base de dados que possam consultar caso tenham dúvidas sobre algum assunto dado nas aulas. Também ajuda os alunos a poupar dinheiro uma vez que não é necessário tirar fotocópias ou gastar dinheiro em papel e tinta para ter os materiais em dia – esta é, no entanto, sempre uma escolha do aluno.

No fundo, o que considero mais importante para o ensino de português ser bem-sucedido é o papel do professor. Por isso mesmo é que, apesar de a minha unidade didáctica parecer igual às outras, quem deve verificar as necessidades dos alunos e adoptar a melhor estratégia de ensino é o professor, uma vez que cada turma é uma turma e nem todos os alunos reagem da mesma forma. O que eu faria

seria tentar incluir os alunos e as suas experiências nas aulas, o mais possível, e habituá-los a participar acerca dos conhecimentos que têm sobre cultura portuguesa.

Também julgo ser importante que sejam criadas aulas interactivas onde haja eventos como uma aula de culinária ou uma aula em que cada aluno escreve um texto em português e depois lê-o para os colegas, tendo a orientação do professor. Este género de aulas interactivas vai tornar a sala de aula num ambiente menos formal e os alunos sentir-se-ão mais à vontade para comunicarem uns com os outros em português durante as aulas e vão, mais uma vez, reforçar o seu gosto pela cultura e língua portuguesa.

4. Conclusão

O que foi pretendido, com este trabalho, foi dar a conhecer as relações entre Portugal e o Japão e também o potencial que a Língua Portuguesa poderia ter no país. Infelizmente, ainda muito pouco foi escrito em relação a estes dois países, sendo que a maior parte do trabalho foi feito em japonês e no Brasil. Portugal tem ainda muito que caminhar no que diz respeito a publicações relacionadas com o Japão. Julgo, por isso, que é necessário voltar a insistir e a investir no país do sol nascente, que é tão aberto a novidades e outras culturas, e voltar a tentar criar uma ponte tal como a que tornou estes dois países mais próximos no século XVI.

Para esta ponte ser novamente construída, um dos pontos em que me centrei foi no ensino da língua portuguesa no Japão. De facto, hoje em dia há um domínio do português brasileiro no ensino da língua, principalmente devido ao movimento *dekassegui*, do qual falei acima. O que é importante é que consigamos transmitir a língua portuguesa de forma inovadora e interessante, que cativa os alunos e que os incentive a procurarem cada vez mais a língua portuguesa. Ao ter conhecimento das dificuldades que mais impedem a compreensão e evolução dos alunos japoneses, nomeadamente ao nível da compreensão e expressão oral, os professores têm de trabalhar com as ferramentas de que dispõem de forma a conseguirem que os alunos obtenham bom aproveitamento e uma boa aquisição da língua portuguesa. Já bons passos foram dados no Japão em relação a este assunto, nomeadamente a bolsa de estudos que é atribuída ao aluno que vença o concurso de pronúncia de língua portuguesa, apoiada pelo Instituto Camões. No entanto, julgo que ainda é necessário haver mais cooperação entre os dois países para que consigamos passar dos acordos para a acção e para laços concretos entre Portugal e o Japão.

Por este motivo, quis fazer a unidade de ensino de português para japoneses, tendo em vista a preparação de materiais até construir um manual inteiro que possa ser utilizado nas universidades japonesas e que seja completo e focado nas dificuldades dos alunos. Também por haver uma saturação de “Camões” e “Fernando Pessoa”, é necessário renovar os conhecimentos

transmitidos e, sem esquecer estes grandes nomes da cultura portuguesa, dar a conhecer outra faceta da literatura e cultura portuguesa, uma vez que nem toda a música feita em Portugal é fado e há mais filmes a serem produzidos que não são realizados por Manoel de Oliveira.

Também considero de grande importância o conhecimento prévio que os professores têm em relação à cultura e ao país onde irão ensinar português. Ao ter este cuidado, irão criar mais empatia e maiores potencialidades de aquisição de língua por parte dos alunos como também será bastante benéfico para os professores que podem assim conhecer uma nova cultura e também trabalhar o seu método para que este vá de encontro às necessidades e interesses dos seus alunos.

Como alguém que é crítica em relação ao seu trabalho, o tratamento deste tema está em constante aperfeiçoamento e ainda espero que seja alvo de bastantes alterações que ocorrerão durante a experiência profissional que virei a ter. Nesse caso, fico satisfeita uma vez que significa que continuo a trabalhar o tema e continuo a aperfeiçoá-lo e a seguir o meu objectivo e percurso que tracei com este mestrado. Espero ser bem-sucedida nesta tarefa e que conte com muita colaboração de quem se interesse igualmente pelo tema.

5. Bibliografia

- Anónimo. *Chegada dos Portugueses ao Japão - Infopédia.* s.d.
[http://www.infopedia.pt/\\$chegada-dos-portugueses-ao-japao](http://www.infopedia.pt/$chegada-dos-portugueses-ao-japao). (acedido em 15 de 03 de 2012).
- . “David's English Teaching World.” *ELT World.* 2013.
<http://www.eltworld.net/pdf/ARTICLE-%20Methods%20of%20teaching%20foreign%20languages.pdf> (acedido em 10 de 12 de 2012).
- Araújo, Gabriel Antunes. *A Língua Portuguesa no Japão.* São Paulo: Anais do I SIMELP, 2008.
- Avelar, António. *Lusofonia.* Lisboa: Lidel, 2001.
- Boxer, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan: 1549-1650.* California: University of California Press, 1951.
- Carla Oliveira, Maria José Ballmann, Maria Luísa Coelho. *Aprender Português.* Lisboa: Texto Editores, 2006.
- Carvalho, Danira. *Nambanjin: Sobre os Portugueses no Japão - ANTROPOLógicas, no 4, Universidade Fernando Pessoa.* 2000.
<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1708/1/131-149.pdf> (acedido em 10 de 03 de 2012).
- Castro, Aníbal. *As Cartas dos Jesuítas do Japão, Documento de um Encontro de Culturas - Universidade de Coimbra.* 1991.
http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas43-44/10_Pinto_Castro.pdf (acedido em 10 de 03 de 2012).
- Costa, João Paulo Oliveira e. *A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses.* Lisboa: Instituto de História de Além-Mar, 1995.
- . *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira.* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998.
- Embaixada de Portugal no Japão. *Centro Cultural.* 2012.
<http://www.embaixadadeportugal.jp/centro-cultural/portugal-e-japao/historia-cronologia/pt/> (acedido em 11 de 03 de 2012).

- . *Centro Cultural Português*. s.d. <http://www.embaixadadeportugal.jp/cultural-centre/en/> (acedido em 12 de 03 de 2013).
- Fróis, Luís. *Tratado das Contradições e Diferenças de Costumes Entre a Europa e o Japão*. Lisboa: Rui Manuel Loureiro, Instituto Português do Oriente, 2001.
- . *Tratado dos Embaixadores Japões*. Lisboa: Rui Loureiro, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.
- Fujita, Neil S. *Japan's Encounter with Christianity: The Catholic Mission in pre-modern Japan*. Paulist Press, (1991).
- Japanese Proverbs*. s.d. <http://www.cs.cmu.edu/~fgandon/miscellaneous/japan/> (acedido em 10 de 2 de 2013).
- Kono, Akira. *Yes, nós temos português – O ensino de português no Japão*. Los Angeles: XIX Symposium on Portuguese Traditions, University of California, 1998.
- Levenson, Jay. *Namban ("Southern Barbarians in Japan)*. 2009. <http://www.learner.org/courses/globalart/work/166/index.html> (acedido em 10 de 03 de 2012).
- Loureiro, Rui. *Os Portugueses e o Japão no século XVI - Primeiras Informações sobre o Japão*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses do Ministério da Educação, 1990.
- Maria João Vasconcelos, Alexandra Cuvelo, Pedro Lage Reis Correia, Yoshi Miki, Paula Carneiro, e Maria João Vasconcelos. *Biombos Namban*. Porto: Museu Nacional Soares dos Reis, 2009.
- Martins, Armando. *Capítulo Primeiro - O Caminho do Ocidente. Em Portugal e o Japão*. Lisboa. 1955. http://armandomartins.net/downloads/Armando_Martins-Portugal_e_o_Japao-excertos.pdf (acedido em 10 de 03 de 2012).
- Martins, Maria Manuela d'Oliveira. *Encomendas Namban - Os Portugueses no Japão da Idade Moderna*. Lisboa: Fundação Oriente, 2010.
- Matsuda, Kiichi. *The Relations Between Portugal and Japan*. Lisbon: Junta de Investigações do Ultramar and Centro de Estudos Históricos Ultra-Marinos, 1965.

- Ministério da Educação. *QuaREPE*. 2009. <http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=67> (acedido em 10 de 03 de 2012).
- Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia do Japão. *Procedimentos para matrícula em escola japonesa*. s.d. http://www.mext.go.jp/component/english/_icsFiles/afieldfile/2011/03/17/1303764_013.pdf (acedido em 10 de 03 de 2012).
- Ministério da Justiça do Japão. *Immigration Bureau*. 2006. <http://www.moj.go.jp/ENGLISH/IB/ib-01.html> (acedido em 11 de 03 de 2012).
- Oliveira, Victor. «*Construindo Cristandades no Oriente - o padroado português na Índia e no Japão do século XVI*». 2010. <http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-09-07.pdf> (acedido em 21 de 03 de 2012).
- Paulo Osório, Rosa Marina Meyer. *Português Língua Segunda e Língua Estrangeira - Da(s) Técnica(s) à(s) Prática(s)*. Lisboa: Lidel, 2008.
- Revista Educando. *O ensino do português como língua de herança*. 2009. http://www.revistaeducando.jp/index.php?option=com_content&view=article&id=174%3Ao-ensino-do-portugues-como-lingua-de-heranca&catid=46%3Amanchete&Itemid=61 (acedido em 12 de 05 de 2012).
- Rosa, Edison. *Encontrando o Equilíbrio Entre Gramática, Comunicação e Cultura no Ensino do Português*. Shizuoka: JALT 2002 AT SHIZUOKA, 2002.
- Silva, João. «*Luís Fróis, o primeiro japonólogo europeu*» *Expresso*. 2010. <http://expresso.sapo.pt/luis-frois-o-primeiro-japonologo-europeu=f587349> (acedido em 28 de 02 de 2012).
- Silva, Nuno Vassalo e. *No Caminho do Japão*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1993.
- Sousa, Hilário de. *A Comunicação Oral na Aula de Português - Programa de intervenção pedagógico-didática*. Lisboa: Edições Asa, S.A., 2006.
- Souza, Teotónio R. de. *Discoveries Missionary Expansion And Asian Cultures*. Goa: Concept Publishing Company, 1994.

The Japanese Page. *Proverbs.* s.d.

http://thejapanesepage.com/vocabulary/kotowaza/japanese_proverbs/chiri_mo_tsumoreba_yama_to_naru (acedido em 15 de 02 de 2013).

Tricomi, Elizabeth Taylor. "Krashen's Second-Language Acquisition Theory and the Teaching." *Journal of Basic Writing*, 1986: 59-69.

ANEXOS

ANEXO I

Unidade 1 – Manual de Ensino de Português para Estrangeiros

Conteúdos gramaticais e linguísticos:

- Pronomes Pessoais
- Verbo **Ser** no Presente do Indicativo
- Artigo definido e indefinido
- O alfabeto

Competências:

- Identificar marcas de identidade portuguesa
- Apresentar-se
- Identificar nacionalidades

Unidade 1 – “Quem és?”

1. Vê as seguintes imagens e indica quais delas identificas com a Língua Portuguesa.



Proposta para a aula:

Que palavras conheces em Português?

2. Vê a seguinte imagem:



3. Experimenta ler em voz alta o que as pessoas da imagem estão a dizer.



Vamos lá explicar.

A Língua Portuguesa tem a sua própria forma de pronunciar o alfabeto. Vê se consegues reproduzir as seguintes letras:

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M
ア	ベ	セ	デ	エ	エフ	ゲ	アガ	イ	ジョッタ	エツル*	エツム
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Z	
エンヌ	オ	ペ	ケ	エツル*	エツス	テ	ウ	へ*	シス	ゼ	



* Existem diferenças entre a letra “L” e a letra “R”. Vê este vídeo no youtube: European Portuguese - Lesson 4 - Alfabeto – Alphabet <http://www.youtube.com/watch?v=CW9nbh7VwU8>

Vamos agora ver os pronomes pessoais

Eu	Tu	Você	Ele/Ela	Nós	Vocês	Eles/Elas
----	----	------	---------	-----	-------	-----------

Em Português, distinguimos sempre se a pessoa é masculina ou feminina, singular ou plural.

Exemplo:

Eu sou o Rui.

Tu és a Maria

Você é a Professora

Ele é o Carlos

Ela é a Inês

Nós somos alunos

Vocês são actores

Eles são portugueses

Elas são Alemãs.

Você é o modo formal do pronome pessoal **Tu** no singular.

Vocês é o modo plural do pronome pessoal **Tu**.

Vamos saber mais sobre palavras masculinas e femininas.

Em geral, são do género masculino os nomes e as formas nominais e pronominais que significam ou se referem a "macho", e são do género feminino os que significam ou se referem a "fêmea". Os nomes dos seres que não têm sexo, e os que se referem a tais seres também são agrupados em qualquer dos dois géneros: uns são masculinos e outros femininos.

Exemplo:

A mulher	O homem
A árvore	O carro
A mesa	O computador
A flor	O quadro
A cara	O limão
A gata	O gato
A casa	O livro



Vê o seguinte vídeo para compreenderes melhor: **“Substantivos masculinos e femininos - português classes lesson 1.wmv”**

<http://www.youtube.com/watch?v=fmPbH8YUuPs>

Vamos agora praticar.

	Masculino	Feminino
Pai		
Rua		
Cadeira		
Aula		
Vidro		
Vaso		
Papel		

Também distinguimos as nacionalidades por géneros:

Português – Portuguesa

Inglês – Inglesa

Brasileiro – Brasileira

Espanhol – Espanhola

Vamos praticar:

Japonês	
	Francesa
	Holandesa
Italiano	
	Chinesa
	Argentina
Polaco	
Mexicano	

Vamos aprender o nosso primeiro verbo no tempo Presente do Indicativo.

Verbo **ser**.

Eu sou

Tu és

Você é

Ele/Ela é

Nós somos

Vocês são

Eles/Elas são

Vamos praticar.

Nós _____ japoneses.

Eu _____ aluna.

Você _____ Presidente.

Elas _____ atrizes.

Tu _____ português.



Proposta para a aula.

Vamos agora todos apresentar-nos.

- Agora já sei:

Identificar símbolos da Língua Portuguesa

Dizer o alfabeto em português

Dizer quais são os pronomes pessoais em português

Distinguir o género masculino e o género feminino

Conjugar o verbo Ser no Presente do Indicativo



Proposta para a aula:

Vê este vídeo da artista portuguesa Carminho e lê a letra.

Carminho

–

Bom

dia

amor

(<http://www.youtube.com/watch?v=3SuPUtTvua4>)

Bom dia amor,

Dizem as rosas da janela ao ver o sol nascer
Bom dia amor,
Tal como as rosas espero sempre por te ver
E um dia há-de ser dia corra o vento para onde for
Juntam-se as rosas para me ver com o meu amor

Bom dia digo sempre quando vens
Quando passam por mim os olhos seus
E mais diria ao olhos do meu bem
Se ao menos uma vez vissem os meus
E mais diria ao olhos do meu bem
Se ao menos uma vez vissem os meus

Bom dia amor,
Dizem as rosas da janela ao ver o sol nascer
Bom dia amor,
Tal como as rosas espero sempre por te ver
E um dia há-de ser dia corra o vento para onde for
Juntam-se as rosas para me ver com o meu amor

Daqui eu digo tudo o que te vejo
A cada teu passar na minha rua
Assim é como vivo e assim te beijo
E trago esta maneira de ser tua
Assim é como vivo e assim te beijo
E trago esta maneira de ser tua

Bom dia amor,

Dizem as rosas da janela ao ver o sol nascer

Bom dia amor,

Tal como as rosas espero sempre por te ver

E um dia há-de ser dia corra o vento para onde for

Juntam-se as rosas para me ver com o meu amor

Bom dia amor,

Dizem as rosas da janela ao ver o sol nascer

Bom dia amor,

Tal como as rosas espero sempre por te ver

E um dia há-de ser dia corra o vento para onde for

Juntam-se as rosas para me ver com o meu amor

O que achas da música? E o que achas do vídeo?

ANEXO II

Língua Portuguesa nas Universidades do Japão - Ano Lectivo 2011			
Universidade	Número de estudantes	Professores	Tipologia
Aichi Prefectural University	Português I (1º sem) 73 Português I (2º sem) 29 Português II (1º sem) 13 Português II (2º sem) 13 Português III (1º sem) 2 Português III (2º sem) 4 Português da linguagem medical (Mestrado) 6	1 Japonês 1 Brasileiro	Opcional
Asia University	1º ano 9 2º ano 6	2 Japoneses	2ª língua
Dokkyo University	1º semestre 31 2º semestre 12	1 Japonês	Opcional
Gifu University	De todos os departamentos: Português I 57 Português II 31 Do Deptº. Pedagogia e Educação: Português I 13 Português II 13	1 Japonês	Opcional
Gunma Prefectural College of Health Sciences	86	1 Brasileiro	Opcional
Gunma Prefectural Women's University	Português II (1º ano) 28 Português IV (2º ano) 2	1 Japonês	Opcional
Hokkaido University	30	1 Japonês	Opcional
Kanagawa University	44	1 Japonês	Opcional
Kanda University of International Studies	180(Dept) 12 (2ª língua)	4 Japoneses 4 Brasileiros	Departamento de Estudos Luso-Brasileiros Aulas como 2ª língua
Keio University	14	1 Japonês	Opcional
Kokugakuin University	Básico I 12 Básico II 6 Médio I 0 Médio II 2	1 Japonês	Opcional

Kobe City University of Foreign Studies		37	1 Japonês	Opcional
Konan Women's University		4	1 Brasileiro	Opcional
Kyoto University of Foreign Studies	1º ano 73 2º ano 70 3º ano 78 4º ano 79 1º ano 8 2º ano 12 3º ano 16 4º ano 24		2 Portugueses 3 Brasileiros 8 Japoneses	Departamento de Estudos Luso-Brasileiros Aulas como 2ª língua
Maebashi Kyoai Gakuen College	Português I 36 Português II 24 Português III 12 Português IV 6		1 Brasileiro	Opcional
Meio University	Português I 42 Português II 28		1 Japonês	Opcional
Mie Prefectural College of Nursing		6	recusa informar	Opcional
Nagoya Keizai University		37	1 Japonês	2ª língua (opcional)
Nagoya University of Foreign Studies	1º semestre 106 2º semestre 86		2 Japoneses (1 nipo-brasileiro)	Opcional
Nanzan University	1º semestre 95 2º semestre 71		2 Japoneses	2ª língua / opcional
Osaka University	2587 (língua, história, literatura, cultura)		Japoneses Brasileiro Portugueses (não identificou o número)	School of Foreign Studies (Deptº Língua Portuguesa) / Língua opcional (para outros deptºs)
Ryutsu Keizai University	1º ano 34 2º ano 32		1 Japonês	Opcional
Ryukoku University	Português I 35 Português II 15 Português III 3		1 Japonês	Opcional
Seirei Christopher University	1º semestre 42 2º semestre 62		1 Brasileiro	Opcional
Shizuoka University of Art and Culture		82		Opcional
Sophia University		238 19	11 Japoneses 6 Brasileiros 1 Português	Departamento de Estudos Luso-Brasileiros Aulas como 2ª língua
Sugiyama Jogakuen University	1º semestre 41 2º semestre 39		1 Japonês	Opcional
Tokyo Gakugei University		7	1 Japonês	Opcional

Tenri University	1º ano 21 2º ano 10 3º ano 11 4º ano 20 4	4 Japoneses	Estudantes que aprendem o português no Deptº Estudos Internacionais Curso opcional
Tokyo University of Foreign Studies	151	4 Japoneses 1 Brasileiro	Departamento de Estudos Luso-Brasileiros
Waseda University	Médio (Português de Portugal) 4 Básico 1º semestre (Português do Brasil) 40 Básico 2º semestre (Português do Brasil) 28	recusa informar	